**19º Encontro Conversando sobre Extensão (CONEX) e 4º EAEX - Encontro Anual de Extensão (EAEX)**

Resumo Expandido Modalidade A: "Apresentação de programas, projetos, ações, atividades e pesquisas advindas da extensão universitária"

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque a área temática correspondente ao trabalho que foi indicado no momento da inscrição)

**( ) COMUNICAÇÃO**

**( ) CULTURA**

**( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA**

**( x ) EDUCAÇÃO**

**( ) MEIO AMBIENTE**

**( ) SAÚDE**

**( ) TECNOLOGIA E PRODUÇÃO**

**( ) TRABALHO**

# *INDÍGENAS NA HISTÓRIA E HISTORIADORAS INDÍGENAS*: POR QUE SE HOMENAGEIAM GENOCIDAS NO BRASIL?

**Regina Aparecida Kosi dos Santos[1]**

**Letícia Fraga[2]**

**Resumo:** Neste trabalho, discutimos um debate organizado pelo CEAI, cujo título era *Indígenas na história e historiadoras indígenas: perspectivas não-anacrônicas dos bandeirantes genocidas*. O evento aconteceu dia 17/09, *online*, e teve a participação de duas historiadoras indígenas: Regina Aparecida Kosi dos Santos, do povo Kaingang e membro do CEAI e Daiane Moreira Tabajara. O objetivo do evento era refletir sobre a presença de estátuas de pessoas consideradas heroínas, que existem em muitas cidades brasileiras. O debate foi motivado pelo episódio ocorrido em SP, em 24/07/21, "a propósito do fogo colocado na estátua de Borba Gato" (ANGATU..., 2021), que repercutiu em muitos jornais e em redes sociais. Como historiadoras indígenas, as debatedoras discutiram quanta ruína Borba Gato e os bandeirantes em geral trouxeram às comunidades indígenas, pois além de procurar pedras preciosas, explorando a terra, também capturavam indígenas para escravização. Por fim, ambas defenderam a importância de a história jamais poder ser narrada a partir de um único ângulo, como aconteceu com a história brasileira (para quem Borba Gato é um herói), desconsiderando completamente a visão indígena, que foi vítima e testemunhou todas as atrocidades cometidas por ele.

**Palavras-chave:** Genocídio indígena. Borba-gato. Povos Indígenas. Bandeirantes.

[1] Membro de execução de projeto de extensão; UEPG; PPGEL; 0608pdd@gmail.com

[2] Coordenadora de projeto de extensão; UEPG; DEEL; leticiafraga@gmail.com

## NOME DO PROGRAMA OU PROJETO

Saberes outros: Estudos e ações indígenas 2ª edição.

## PROJETOS VINCULADOS

Vinculado ao Programa de Extensão Laboratório de Estudos do Texto (LET)

## PÚBLICO-ALVO

Professores indígenas e não indígenas, em formação inicial ou continuada das escolas participantes. De forma indireta, alunos das escolas indígenas e não indígenas participantes.

## MUNICÍPIOS ATINGIDOS

Município de Ponta Grossa e outros municípios em que haja terras indígenas (Mangueirinha, Cândido de Abreu, Ortigueira etc.).

## LOCAL DE EXECUÇÃO

Universidade estadual de Ponta Grossa (UEPG), de modo remoto.

## JUSTIFICATIVA

Esse projeto se justifica pelo fato de que, ainda atualmente, a versão "oficial" da história do Brasil e da América Latina, que prevalece em livros didáticos, é contada a partir do ponto de vista do colonizador. Diferentemente da ideologia que se tentou implantar no México, de que todos são mestiços, "no Brasil, a política de genocídio dos povos indígenas, aliada à política de branqueamento da população afrodescendente gerou uma outra narrativa nacional, na tentativa de se forjar a imagem de um país que se queria (ou que alguém queria) "todo branco e católico", ideologia essa até hoje muito presente e no imaginário" (GOMES, 2012, p. 10). Dessa forma, a presença indígena na história do nosso país é relegada à época do descobrimento e invisibilizada nos dias atuais, o que inclui a invisibilidade da cultura indígena, concebida como "outra cultura", que mesmo sendo considerada outra, quando conhecida, "revela muito sobre a 'nossa cultura'", as quais estão em constante interação, razão pela qual, segundo

"Raimon Panikkar [...] seria o único modo de conhecer as culturas [realizando] um diálogo intercultural" (apud GOMES, 2012, p. 12, grifos da autora).

Em termos de políticas linguístico-educacionais, as voltadas às comunidades de línguas/culturas minoritárias alternaram "momentos de indiferença e de imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas" (CAVALCANTI, 1999, p. 4). No século XVIII, por exemplo, o Marquês de Pombal, através do Diretório dos Índios (1758), estabeleceu que a única língua que podia ser falada era o português. Na sequência, o processo de imposição da língua portuguesa como única foi ratificado pela chamada política de nacionalização do ensino, implementada a partir de 1938, pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que fechou escolas e proibiu o uso de línguas indígenas bem como das línguas de imigrantes, principalmente alemão e italiano.

Como resultado desses processos, a língua portuguesa e a cultura eurocêntrica substituíram as outras línguas que eram faladas e culturas presentes no país por força de lei e também "de mecanismos sociais que ganharam força com a evolução dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, consequentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos" (CAVALCANTI, 1999, p. 6). Desse modo, justificamos este projeto considerando a importância de, a partir da realização de um levantamento do que se tem feito (que ainda é desconhecido) em termos de políticas linguístico-educacionais, no que diz respeito a pedagogias "outras", que tratam de línguas e culturas minoritárias aqui presentes a partir de um referencial teórico que se sustenta nos trabalhos de intelectuais indígenas, como Inácio (2010) e Benites (2012), sendo que a primeira trata da pedagogia Kaingang e o segundo, da pedagogia Guarani.

## OBJETIVOS

- Refletir sobre o pensamento não-indígena e indígena em relação ao genocídio indígena no território brasileiro.
- Debater as homenagens feitas a heróis genocidas em cidades brasileiras por meio de estátuas

## METODOLOGIA

A ideia de realizar uma *live* com Regina Aparecida Kosi dos Santos e Daiane Moreira Tabajara surgiu na reunião geral do CEAI no mês de agosto de 2021. Nas reuniões mensais, o grupo faz um levantamento dos compromissos do mês e divide os compromissos entre todos os membros. Ao final da reunião, há espaço para a palavra livre, da qual podem fazer uso todos os membros presentes. Neste encontro, vários membros indígenas do coletivo demostraram preocupação com relação ao episódio ocorrido em SP, em 24/07/21, "a propósito do fogo colocado na estátua de Borba Gato" (ANGATU..., 2021), que repercutiu em muitos jornais e em redes sociais. A preocupação do grupo tinha a ver com a interpretação que se estava fazendo do ocorrido, especialmente em relação a como estavam sendo julgados os responsáveis pelo "ato de vandalismo" (ANGATU..., 2021).

> Muitos falaram da brutalidade que foi colocar fogo na estátua de Borba Gato, localizada em Santo Amaro, Zona Sul da cidade de São Paulo/SP. Entretanto, poucos dizem da bestialidade de construir e erguer uma estátua para um dos genocidas/etnocidas dos Povos Originários e que escravizou indígenas, negros/negras, violentou kuña, kuñatã, ku•rumin e awá gwarïnï (mulheres, meninas, meninos, guerreiras e guerreiros) de diferentes etnias, bem como fez parte do início da destruição da Natureza Encantada (ANGATU..., 2021).

O grupo considerava importante que a população em geral, indígenas e não-indígenas, fosse esclarecida sobre o que de fato estava em jogo em relação a esse episódio. Desse modo, o CEAI decidiu realizar um debate sobre a questão. Discutimos a melhor plataforma para fazer a transmissão e decidimos que o ideal era usar uma reunião via Google Meet, com inscrição via Google Forms.

## RESULTADOS

Sempre que se fazem debates ou palestras sobre questões indígenas, o resultado por mínimo que seja pode ser considerado positivo. Dependendo do número de pessoas que se encontram no debate, as falas são de suma importância, pois as pessoas ali presentes sairão com outro pensamento, outra visão daquela que tinham antes de ouvir a fala. Desde o período republicano, somos impostos a várias demandas dos não-indígenas (não somente nesse período, mas vamos nos referir somente ao início da primeira república). Éramos considerados menores, pessoas que não tinham condições de tomar suas próprias decisões. Até o livro didático nos coloca em situações que, por um momento, dá a ideia de não existir mais indígenas no Brasil ou que ficamos lá no passado. Isso tem ajudado a aumentar o preconceito contra a população

indígena. Por essa razão, as apresentações de palestras ajudam muito a desmistificar essa ideia, ampliando assim os conhecimentos de quem tem se interessado pelas causas indígenas.

Imagem 1 – Estátua de Borba Gato pegando fogo em SP



Fonte: Sato do Brasil (ANGATU, 2021)

Imagem 2 – Cartaz do debate




Fonte: As autoras

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que iniciamos nosso trabalho sobre temática indígena, tínhamos o objetivo de mudar os pensamentos coloniais existentes em relação aos povos indígenas, amparando pessoas que estejam de fato interessadas nessas questões. É o que temos feito até o momento com o

grupo do qual fazemos parte, com o objetivo de ampliar nossos conhecimentos sobre as populações indígenas e passar o nosso conhecimento sobre nossa ancestralidade, que temos mantido até atualmente. Também lembramos todos os dias que somos resistência, que desde 1500 nosso povo, cultura, língua têm nos acompanhado. Em nenhum momento deixamos de ser nós mesmos. 521 anos têm sido para nós um desafio, a pandemia para nós, não começou em 2019/2020, a pandemia para nós, indígenas, começou desde a entrada do primeiro europeu dentro de nossas terras. Até hoje temos enfrentado o genocídio com a tomada de nossas terras. Muitos indígenas têm perdido as suas vidas. Por isso a nossa Luta é desde sempre, começa no genocídio, segue na perda de nossas terras e vai até a aculturação, pela imposição da língua portuguesa e da Educação voltada para o ensino do não indígena. Mas seguimos temos lutando para que haja mudanças.

## APOIO

Agradecemos à CAPES pela bolsa concedida.

## REFERÊNCIAS

ANGATU, Casé. **Borba Gato: a estátua de um genocida, estuprador e escravagista que merece arder em chamas**. Disponível em: https://jornalistaslivres.org/borba-gato-a-estatua-de-um-genocida-estuprador-e-escravagista-que-merece-arder-em-chamas/. Acessado em 04 Out. 2021.

BENITES, T. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá impactos e interpretações indígenas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012. v. 500. 120p.

CAVALCANTI, Marilda C. Studies on bilingual education and schooling in Brazilian contexts of linguistic minorities. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. spe, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 Mar 2007.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Prólogo. In: PALADINO, Mariana; CZARNY, Gabriela. **Povos indígenas e escolarização**: Discussões para se repensar novas epistemes nas sociedades latino-americanas. Rio de janeiro: Garamond, 2012.

INÁCIO, Andila Nĩvygsãnh. VÊNH KANHRÃN. In: BERGAMASCHI, Maria Aparecida; VENZON, Rodrigo Allegretti (Org.). **Pensando a Educação Kaingang**. 01. ed. Pelotas - RS: UFPEL, 2010. p. 21-48.